

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS - 27 e 28 de junho de 2013

Novas Tecnologias, Educação e Complexidade¹

Aldemir Berwig²

Universidade Regional do Noroeste do Estado do RS - UNIJUI
Ijuí, RS

Resumo

O artigo tem por objeto a compreensão da utilização de diferentes metodologias no ensino de graduação presencial e a distância a partir do contexto docente/discente do autor, apontando aspectos relativos à aprendizagem e à utilização de novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) frente ao desafio de educar as novas gerações de universitários. No caso da educação a distância (EaD), aspectos levantados sugerem que a mera transposição da metodologia tradicional utilizada em sala de aula é insuficiente para formar um sujeito autônomo. Na aula presencial, é imprescindível a adoção de TIC para tornar as aulas mais atraentes, de forma que docentes e discentes libertem-se do modelo mental linear cartesiano para compreender a realidade a partir do paradigma da complexidade. O texto procura demonstrar tal compreensão como alternativa e necessidade, seja no ensino presencial ou não presencial.

Palavras-chave: Complexidade; Educação; Ensino; Aprendizagem; Tecnologias da Informação e da Comunicação.

Introdução

As novas tecnologias da informação proporcionam, entre outras mudanças, uma grande influência no debate sobre a educação neste início de milênio. A principal delas, consiste em um novo olhar para a educação, já que a atual necessidade de convivência com o meio virtual, tanto no ensino presencial ou não, nos proporciona diversas inquietações. Por outro lado, mesmo na educação não presencial, a distância (EaD), é possível imaginar mudanças na formação docente, especialmente em razão da impossibilidade de simples transferência de mecanismos e posturas praticados na aula tradicional para a virtual. Trata-se de pensar e refletir sobre a educação e verificar o contexto em que será possível a conciliação e a utilização das novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC). Diante da nova lógica virtual, a educação pode se pautar em novos pressupostos, caminho este que encontra-se bastante nebuloso.

¹ Trabalho apresentado no GT 3 Comunicações Científicas: Perspectivas Teórico-metodológicas do II Encontro de Educomunicação da Região Sul. Ijuí/RS, 27 e 28 de junho de 2013.

² Professor dos Cursos de Direito e Gestão Pública da UNIJUI, email: berwig@unijui.edu.br.

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

O quadro apresentado demonstra a necessidade de que professor e aluno tenham uma nova postura no cenário educacional. Um olhar sobre a utilização de novas tecnologias na educação, olhar este que não se limite a mera transferência de conhecimentos, e que possibilite um debate sobre uma nova ética pedagógica num sujeito autônomo que tenha capacidade de reconstruir seus próprios mecanismos de aprendizagem.

A abordagem que se faz neste artigo parte do contexto educacional em que o autor desempenha suas atividades, docentes e discentes, para colocar a visão de alguém que, inserido no processo, busca alternativas para algumas inquietações nascidas da relação pedagógica real. A abordagem inicia pela observação de práticas educativas e aponta algumas perspectivas futuras de estudo sob a forma de questionamentos, demonstrando a possibilidade de construção a partir da incerteza. O estudo sugere que o debate apenas inicia e que é necessária a compreensão da complexidade, não somente humana, mas na qual o ser humano está inserido, para que possamos pensar em reforma do pensamento e da educação.

Educação, informação e novas tecnologias

A educação a distância (EaD) com utilização de meio virtual deve ser construída em bases que possibilitem rever a própria prática educativa envolvida. As mudanças passam pelo rompimento com a mera transferência e reprodução de informações para proporcionar a aprendizagem fundada na competência de análise e construção do conhecimento a partir das informações obtidas.

Tal iniciativa pressupõe a qualificação da relação entre professor e aluno através da utilização do meio virtual, possibilidade plausível, já que não há necessidade de meio físico para a construção de competências. Nessa dinâmica, o professor vai desempenhar o papel de motivador; o aluno, motivado a pensar, criar, desenvolver sua criatividade e refletir sobre as ações e trabalhos desenvolvidos. Neste viés, ficam claras as possibilidades de desenvolvimento de habilidades através da maior liberdade do aluno.

A educação, portanto, não visa apenas o desenvolvimento da capacidade de memorização de conteúdos que, em regra, ainda pode ser entendida como meta educacional e forma de avaliação da aprendizagem. Fala-se aqui na capacidade de

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

processamento da informação que transforma a posição do educador frente ao aluno. Na educação presencial este aspecto embora relevante, quase não é percebido, enquanto na EaD a perspectiva muda, colocando novas responsabilidades nas mãos do professor sob pena de inviabilizar o processo de ensino-aprendizagem.

Partindo deste quadro, verificamos que a EaD, especialmente utilizando-se do meio virtual, vai demandar a percepção de dois momentos distintos que complementam a atividade educativa: o domínio da técnica e o domínio das informações que desencadearão a construção de novos conhecimentos, ambos se relacionando dialogicamente. Além disso, pressupõe comportamento profissional e ético do professor que desempenhará um papel essencialmente motivador para que cada um, individual e coletivamente, consiga alargar e qualificar seu espaço no grupo de alunos e construir o próprio curso de aprendizagem.

Na concepção apresentada fica claro o papel docente na relação de ensino e aprendizagem como demonstrado por Freire (1983) e Morin (2003). Para o primeiro autor,

Se a educação é dialógica, é óbvio que o papel do professor, em qualquer situação, é importante.

Na medida em que ele dialoga com os educandos, deve chamar a atenção destes para um ou outro ponto menos claro, mais ingênuo, problematizando-os sempre.

(...)

O papel do educador não é o de “encher” o educando com “conhecimento”, de ordem técnica ou não, mas sim o de proporcionar, através da relação dialógica educador-educando, a organização do pensamento correto de ambos (FREIRE, 1983, p. 35).

Esta percepção demonstra que o papel do educador é instrumentalizar o aluno para que ele tenha capacidade e autonomia necessários para fazer escolhas e construir o próprio destino. Em sentido complementar,

o desenvolvimento das aptidões gerais da mente permite o melhor desenvolvimento das competências particulares ou especializadas. Quanto mais desenvolvida é a inteligência geral, maior é sua capacidade de tratar problemas especiais. A educação deve favorecer a aptidão natural da mente para colocar e resolver os problemas e, correlativamente, estimular o pleno emprego da inteligência geral.

Esse pleno emprego exige o livre exercício da faculdade mais comum e mais ativa na infância e na adolescência, a curiosidade, que, muito freqüentemente, é aniquilada pela instrução, quando, ao contrário, trata-se de estimulá-la ou despertá-la, se estiver adormecida. Trata-se,

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

desde cedo, de encorajar, de instigar a aptidão interrogativa e orientá-la para os problemas fundamentais de nossa própria condição e de nossa época (Morin, 2003, p. 21-22).

Considerando que o papel do educador não é o de encher a cabeça do aluno mas instigar a curiosidade para estimular o pleno emprego da inteligência geral, é possível afirmar que a EaD apresenta a possibilidade de mudança na lógica linear³ cartesiana educacional para que tenhamos uma nova dinâmica de ensino-aprendizagem que perpassa a ideia de um sistema mais construtivista de conhecimento, já que possibilita ao aluno a possibilidade de desenvolvimento autônomo do saber. Esse quadro é fomentado, todavia, pelo próprio desenvolvimento das novas gerações de alunos, os quais crescem “conectados” à lógica virtual. Nestes casos, inclusive, podemos arriscar dizer que são alunos incluídos digitalmente e que é necessária e urgente a inclusão digital docente, já que esta última é uma geração que, via de regra, teve uma formação tradicional e, normalmente, tem dificuldade de utilizar as TIC para aperfeiçoar a prática educativa.

A partir deste recorte posso arriscar dizer que a educação possibilitada pelo virtual e pelas TIC possibilitam uma educação inclusiva. Uma inclusão que não ocorre pela mera repetição de informações, mas pela construção de competências que possibilitem o aluno a interagir com o meio e com as próprias informações disponibilizadas em rede. Modifica-se o papel do educador, o qual passa a ter maior relevância como “construtor de consciências que pensem”, através do resgate desta função com autoridade. Como afirma Bonilla (2005, p. 32),

a incorporação das TIC está se dando com o sentido de abrir possibilidades para fazer, pensar e conviver que não poderiam ser pensadas sem a presença dessas tecnologias. Como elas introduzem um novo sistema simbólico para ser processado, (re)organizam a visão de mundo de seus usuários, modificam hábitos cotidianos, valores e crenças, constituindo-se em elementos estruturantes das relações sociais, os processos evidenciam um movimento ininterrupto de construção de cultura e conhecimento.

³ Mariotti (2013) afirma que o modelo mental linear (ou lógica aristotélica, ou lógica do terceiro excluído) é um entrave para o desenvolvimento sustentado e, conseqüentemente, para o desenvolvimento da cidadania por adotar a lógica do “ou/ou”, excludente, servindo de sustentação de nossos sistemas educacionais desde os Gregos. O mesmo autor afirma que o modelo mental linear cartesiano é indispensável para resolver os problemas mecânicos mas insuficiente para resolver problemas humanos em que participam emoções e sentimentos.

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

A perspectiva apresentada possibilita pensar uma concepção que foge à lógica linear cartesiana para que o aluno construa sua própria perspectiva de aprendizagem através de uma maior liberdade e condução autônoma. A partir da perspectiva exposta por Morin (2003), é possível visualizar nas TIC a possibilidade de mudança conceitual de aprendizagem para que se alcance uma cabeça bem-feita, como superação do modelo mental da lógica cartesiana.

Perspectivas de ensino-aprendizagem na EaD

Em recentes experiências na EaD conectada, seja na condição docente ou discente, senti a necessidade de fazer alguns questionamentos a respeito do ensino-aprendizagem. Verifiquei que é equivocado o simples transporte da forma tradicional de ensinar para uma plataforma virtual, é necessário mudar a educação e a forma de pensá-la. Trata-se de compreender que a EaD, com apoio nas TIC, permite ganhos educacionais inimagináveis, mas é necessário debater e traçar diretrizes para construir uma nova perspectiva educacional. Não basta transportar o tradicional para uma plataforma digital, é necessário mudar a própria concepção educacional.

A partir de angústias docentes e, deslocando o foco para as discentes, considero pertinente verificar o que os alunos esperam da EaD e de seus professores e quais as condições necessárias para o sucesso desta modalidade de ensino, especialmente sob o viés pedagógico.

O viés pedagógico indica que o professor deve ter cautela em suas interações evitando o fornecimento de respostas prontas, já que a aprendizagem deve decorrer da interação entre os alunos e a partir da problematização feita por ele a partir do conteúdo programático da disciplina.

Na problematização, deve o professor instigar a curiosidade do aluno para que ele busque a construção do seu conhecimento a partir da provocação docente. Aparentemente, uma boa prática docente é aquela que, bem planejada, parte de situações-problema que levem os alunos a debaterem entre si e construirmos seu entendimento e suas respostas de forma criativa, resgatando a curiosidade e a autonomia discente. É importante partir do pressuposto de que não é recomendável dar respostas prontas e que o percurso do aluno será pautado pela sua própria curiosidade e caminho

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

percorrido. Assim, a EaD possibilita que o educando construa seu próprio caminho de aprendizagem.

A partir destas considerações pode-se pressupor que o desempenho docente bem sucedido decorra da interação com os alunos na forma de questionamentos, cabendo ao aluno o protagonismo de seu próprio desenvolvimento, meta que normalmente pode não ser bem aceita em contextos educacionais tradicionais, nos quais a interação se dá preferencialmente no sentido do professor/aluno, ou seja, mediante aula expositiva na qual o aluno permanece em passividade constante, normalmente sem participar da aula.

As TIC incrementam a comunicação e possibilitam, a partir da criação de comunidade virtual, o desenvolvimento de capacidades que talvez não sejam possíveis no âmbito da educação tradicional. A educação contemporânea, qualquer que seja o nível, não pode ficar alheia ao uso do virtual e da internet como espaço pedagógico, elemento estruturante desse novo processo de educação (PRETTO, 1996), o qual pode constituir-se possibilidade de construção de um sujeito com capacidade propositiva, não como simples consumidor de informação.

Creio que a capacidade propositiva do aluno possa decorrer da própria dinâmica empregada na comunidade virtual quando o docente tenha a capacidade de compreender que a dinâmica de ensino-aprendizagem é outra, que deve ser utilizada como fomento a suas capacidades. Deve distojar da fragilidade do ensino tradicional que uniformiza e conduz, via de regra, os sujeitos a uma situação de passividade. A capacidade propositiva decorre da possibilidade de libertar a imaginação discente para que flua com autonomia e liberdade a partir das provocações conduzidas por docentes que tenham a capacidade de provocar a curiosidade.

As novas gerações de estudantes estão integradas às TIC. Tal perspectiva demonstra a diferença de aprendizagem entre as gerações que já saíram e as que chegam à Universidade. Verifica-se que a compreensão de educação também necessita mudar já que gerações passadas foram educadas na forma tradicional, enquanto, as novas, estão crescendo dentro da tecnologia informática. As novas gerações têm um modelo mental complexo, vivem um padrão mental da era da informação, distinto do modelo mental linear cartesiano, que é o padrão mental de seus pais, um padrão da era industrial. As novas gerações estão adaptadas à aprendizagem através de novos instrumentos

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS - 27 e 28 de junho de 2013

tecnológicos, a uma aprendizagem colaborativa, na qual seja perfeitamente possível a construção do conhecimento através da provocação e no qual tenha a possibilidade de construir seus próprios caminhos com autonomia. Isso pressupõe uma reavaliação das práticas pedagógicas e a criação de novas, mais adequadas às expectativas das novas gerações.

Decorrencia do quadro exposto, impõe-se a criatividade docente, seja no ensino presencial ou não. Urge a capacitação/inclusão docente às TIC, já que a educação não pode deixar de considerá-las, diante da tendência de virtualização do ensino, seja pela virtualização, seja pela integração necessária das TIC no ensino presencial e, portanto, mudança da realidade escolar. Tais perspectivas decorrem especialmente da constatação de que o aluno conhece mais informática que o professor e, tendencialmente, as novas gerações são gerações que estão crescendo em meio às novas tecnologias e ao virtual. Questão que se coloca é sobre a necessidade de capacitação profissional docente para que ele desempenhe um papel mediador pedagógico no ensino virtual para acompanhamento e assessoramento do aluno e criação de situações de aprendizagem significativa.

A tecnologia é meio, instrumento, o qual deve possibilitar a promoção da interação entre os envolvidos no ensino-aprendizagem, professor e alunos. Considerando esse aspecto, a comunidade virtual de conhecimento possibilita a troca de ideias e de experiências e o surgimento de novas referências, questionamentos, dúvidas, possibilitando novas compreensões acerca da educação. Todavia, a comunidade virtual de conhecimento acontece não pela disponibilização de informações mas pelo próprio processo de construção do conhecimento na rede constituída de aprendizagem.

A midiáticação dos processos culturais requer um sujeito com autonomia, habilidade e rapidez não apenas no acesso às informações disponíveis, mas crítico e competente na seleção de informações e construção do conhecimento. Embora os processos midiáticos possam demonstrar dificuldades educativas para os envolvidos no processo ensino-aprendizagem, pois, como demonstrado acima, as duas gerações podem demonstrar uma distinta forma de exclusão: as velhas gerações por não compreenderem a nova lógica virtual e suas consequências para o ensino-aprendizagem, e as novas gerações, as quais estão crescendo integradas às novas tecnologias mas que dispõem de

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

grandioso conjunto de informações e que, via de regra, sequer sabem como utilizá-las para construir o conhecimento. Consequentemente, ambas as gerações demonstram que é necessária uma atenção especial às formas de ensino-aprendizagem para que compreendam uma dimensão que seja possível e contribua para as novas formas de construção do conhecimento.

Para Costa (2011, p. 117),

as TIC trazem à tona uma nova exclusão, dessa vez cognitiva, entre as formas diferenciadas que as pessoas terão para poder tratar e organizar as suas informações, peça básica para a formulação do conhecimento. Os processos cognitivos da inclusão digital mostram-se tão ou mais importantes que o aspecto técnico do uso da nova tecnologia, pois é a partir do conhecimento que o uso das novas ferramentas poderá ganhar o *status* de necessidade básica a todos, numa universalização das tecnologias não apenas pela questão técnica de monopólios de mercado, e sim pelas possibilidades cognitivas de alteração de qualidade de vida, e do dia a dia, que a tecnologia poderá auxiliar.

Cada vez mais imperioso, portanto, a necessidade de atenção especial ao uso das TIC, especialmente para debater sobre a reflexão necessária acerca das informações disponíveis nos meios midiáticos, de forma crítica e responsável.

São novos desafios da educação, em especial pelo uso do virtual, os quais demonstram possibilidades diretamente relacionadas à necessidade de criação de novo processo pedagógico neste espaço privilegiado que constitui a internet e as TIC. Espaço em que surgem possibilidades inéditas de interação na relação dialógica professor, aluno e conhecimento.

Tal reflexão demonstra a necessidade de debater os pressupostos pedagógicos necessários a uma mudança do modelo mental dos sujeitos que ensinam e que aprendem, os quais devem ser definidos a partir de um novo saber e um novo aprender. Esses novos modos de aprendizagem implicam a compreensão de propostas pedagógicas inovadoras e sua utilização em conjunto com as TIC. O virtual se concretiza a partir desses pressupostos e pode contribuir para uma nova lógica educacional. O computador é apenas um instrumento de otimização de atividades. Vinculado à internet, proporciona uma relativização do tempo e do espaço, já que permite viajar de forma instantânea sem a necessidade de deslocamento do corpo físico. Na concepção pedagógica tradicional o computador permanece sendo uma máquina de

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

escrever melhorada, como ocorre na escola tradicional, reproduzindo analogicamente o método da transmissão, da reprodução e da avaliação tradicionais. Atualmente, inúmeras pessoas continuam a utilizar a informática como uma máquina de escrever e, acoplado o computador à internet, como simples instrumento de disponibilização e acesso a informações banais, sem que tenha uma utilização na construção do conhecimento. Não conhecem, portanto, o potencial das TIC.

A partir das constatações apresentadas é possível dizer que a educação virtual pode estar utilizando as TIC com uma concepção tradicional de ensino. O sistema de comunicação é avançado mas a forma como o professor ministra suas aulas pode ser tradicional, ou seja, expositiva virtual. É o caso das videoconferências, onde a aula expositiva é reproduzida no local onde se encontram os alunos ou no caso em que o computador ocupa o lugar do livro e do professor, expondo o conteúdo escrito e avaliando mediante uma prova virtual. Em outros casos, ocorre a mera transposição do formato da aula para uma didática que exige leitura, memorização e avaliação, na qual basta a repetição de conteúdos estudados anteriormente. O ensino-aprendizagem resume-se à repetição dos conteúdos abordados.

Nesse contexto, a natureza das transformações decorrentes das TIC, quando aplicadas ao ensino virtual, devem possibilitar a construção de um novo sujeito e não se limitar ao ensino através de exposição de conteúdo e repetição. Este parece ser o ponto chave. Neste sentido, percebo que é possível explorar a tecnologia mediante o desenvolvimento de um trabalho pedagógico inovador e substancial no qual seja possível estabelecer uma comunicação dinâmica, trabalhando inúmeras informações, visando a construção de conhecimentos, mas, sobretudo, demonstrando que o impacto gerado será o de sujeitos autônomos e com capacidade de interagir na complexidade planetária.

Significa encarar o computador, o meio virtual e as TIC não como instrumentos que informam ou ensinam, mas como ferramenta que o sujeito utiliza com apoio de um mediador, o professor, para executar autonomamente um plano de estudos, explorando os recursos que esse sistema lhe disponibiliza: ser um grande banco de dados que possibilita o infinito desenvolvimento da criatividade.

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

Finalmente, diante de toda a tecnologia que as TIC representam, temos que nos preocupar com o papel do professor, fundamental como mediador da aprendizagem. É necessário que ele tenha a capacidade de criar propostas de atividades para a reflexão, apoiar o aluno nos momentos de dificuldades e facilitar os processos de compreensão para que o aluno desenvolva sua autonomia e construa sua própria trajetória de aprendizagem. Nesse contexto, o papel do professor e da própria educação necessita de uma nova compreensão diante da ampla possibilidade de utilização de TIC, as quais possibilitam mudanças que impliquem na mediação docente como indução a novas situações de aprendizagem.

Relação pedagógica, educação a distância e tecnologias da informação

O debate acerca da atividade docente adotada e da metodologia de ensino e aprendizagem em uma comunidade de aprendizagem não pode correr o risco de simplificação e reducionismo em seu planejamento. Verificamos um forte argumento de que na EaD basta memorizar bem determinados conteúdos “passados pelo professor” para que o aluno seja avaliado e aprovado em uma disciplina ou área do conhecimento. Na EaD, embora não seja isso o desejável, acontece, como também ocorre no ensino presencial. Tal perspectiva demonstra que ao organizarmos ensino e aprendizagem podemos não estar nos dando conta de que a educação deve possibilitar a reflexão, ou seja, deve municiar o aluno para que possa, de forma autônoma, tomar suas decisões; assim, mesmo munido de posicionamento crítico, o docente pode não superar o ensino tradicional, desenvolvendo uma educação de caráter reducionista.

A prática de sala de aula nos demonstra que embora exista a vontade de compreender os conteúdos de forma fundamentada, inúmeras vezes ela acontece de forma muito simplificada, de modo que o aluno não seja levado a refletir sobre os dados postos e, portanto, pensar. A falta de reflexão desemboca em visão simplista das coisas, foge da complexidade, fundamentada na concepção de que basta repetição e de que reflexão é perda de tempo. O imediatismo nos torna conservadores ao ponto de não questionarmos e não enfrentarmos a incerteza. Exige que apresentemos conteúdos que tenham como finalidade a certeza a quem vai utilizá-los, sem que o “saber” possa ser colocado em dúvida, num claro intuito unicamente certificador.

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

A questão acima demonstra a utilização de um método mental binário de compreensão. Devemos seguir utilizando a concepção binária que apenas aceita verdades ou falsidades, sem deixar espaço para a incerteza? A incerteza, compreendida como instigadora de respostas possibilita o estudo, a compreensão dos fenômenos, a reflexão e a construção de novos conhecimentos.

A mera repetição de conceitos pelo aluno ocasiona a falta de reflexão e a fragilidade na construção de novos saberes. Memorizar conteúdo para repeti-lo e, com isso, obter a certificação consequente, não condiz com as possibilidades da educação na atualidade. Podemos questionar se este é o papel reservado a educação neste início de século e se os computadores e a informática não seriam os instrumentos adequados para esta armazenagem para possibilitar liberdade ao ser humano e a tarefa de reflexão sobre os conteúdos postos, utilizando para isso as TIC.

Neste contexto, outros questionamentos podem ser feitos. Como fica o papel da Universidade como local de reflexão sobre a vida, a humanidade, a cidadania, os direitos fundamentais, já que ela tem função “conservadora, regeneradora, geradora” (MORIN, 2003, p. 81)?

Essa é incerteza que não apresenta resposta, entretanto, nos dá impulso para a reflexão e demonstra que é possível compreender porque somente muda de ideia quem tem ideia. Para isso é necessária a condição do conhecimento, é necessário compreender os fundamentos sobre a compreensão das relações sociais nas quais se está inserido. Isso nos demonstra que é necessária a abordagem que não se limite apenas ao âmbito dos conceitos, mas que se eleja a contextualização e valorização do humano na complexidade.

Refletindo a respeito do pressuposto acima é possível perguntar sobre o acesso do aluno à compreensão do conhecimento, já que de acordo com o modelo mental (MARIOTTI, 2013) que herdou da formação básica⁴ podemos compreender o contexto

⁴ Em outro texto (BERWIG, 2013), faço considerações sobre a possibilidade de exigir que a Universidade seja responsável pela formação do aluno para torná-lo alguém totalmente competente se existem vários problemas de formação na educação básica. Se o estado não concretiza seu dever em relação à educação do cidadão, estabelecido constitucionalmente como direito fundamental, da qual decorre a responsabilidade estatal para formar a base propedêutica do aluno, será a Universidade que conseguirá transformá-lo a ponto de que ele seja totalmente competente? Todavia, é necessário considerar que “o problema do conhecimento não deve ser um problema restrito aos filósofos. É um problema de todos e cada um deve levá-lo em conta desde muito cedo e explorar as possibilidades de erro para ter condições de ver a realidade, porque não existe receita milagrosa” (MORIN, 2013, p. 3). Por estas

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

de sua formação e analisar possíveis avanços na educação superior. A educação deve desafiar o aluno a refletir a respeito do conteúdo abordado de forma que tenha condições de enfrentar os desafios propostos e consiga se capacitar através da construção de competências para o enfrentamento dos desafios do mundo da vida e que possa, com competência técnica, desempenhar uma futura profissão da forma mais competente possível.

O papel da Universidade acima questionado nos leva a consideração da dimensão impulsionadora da aprendizagem que considere a natureza humana no contexto maior da complexidade, fator primordial para a compreensão da educação. Nesta lógica, tanto educação presencial como EaD, devem possibilitar que o aluno construa sua própria trajetória de aprendizagem.

Neste contexto, não basta transferirmos tecnologias para um ensino que consista apenas na memorização e repetição de conteúdos. Morin (2013) nos diz que não ensinamos o que é conhecimento e talvez esse seja o primeiro obstáculo para que tenhamos a concretização da educação que possibilite um sujeito autônomo, já que “o conhecimento é sempre uma tradução, seguida de uma reconstrução”. Há necessidade, portanto, de compromisso político aliado à competência técnica para que o aluno tenha capacidade crítica e possa utilizar-se de instrumentos apropriados para promover as possíveis transformações a que se propõe a educação.

Considerações finais

Considerando os aspectos levantados neste texto, é pertinente apontar algumas questões que parecem ser primordiais para entender a dimensão da utilização das TIC na educação, especialmente quando se tratar de EaD. Uma visão complexa demonstra a necessidade de debate sobre o desenvolvimento da capacidade reflexiva do sujeito, de modo que a educação tem importante papel no processo evolutivo da humanidade, e deve ser considerada a possibilidade, talvez única, de reintegração do ser humano ao ambiente e ao mundo da vida.

razões, o dever educacional constitucional do estado deve ter sua realização debatida na sociedade para que atenda à formação de competências e resulte num ser autônomo.



II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

A exposição acima nos conduz à reflexão a respeito das possibilidades educacionais que as TIC possibilitam e como integrá-las ao meio ambiente escolar para que tenhamos a postura reflexiva e questionadora do professor mediando e provocando o aluno para que construa seu próprio saber.

Nessa dinâmica, a utilização das TIC possibilita a aprendizagem reflexiva, o desenvolvimento de potencialidades e competências que deem autonomia ao aluno e não exijam a mera repetição de conteúdos, desafio pode ser melhor compreendido com amparo na teoria da complexidade.

Tal concepção busca distanciar-se da lógica linear cartesiana para possibilitar uma cabeça bem-feita, uma mudança no modo de pensar (MORIN, 2003). Tal mudança parece ser possível a partir da ideia de complexidade, para que o modelo mental da lógica cartesiana seja ao menos questionado possibilitando outro fazer acadêmico.

Referências

BERWIG, Aldemir. Ensino do Direito e Complexidade: Aspectos de um Projeto Pedagógico de Curso. In: ENACED - XVI ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E CICLO DE ESTUDOS DA PEDAGOGIA, 2013, Santa Rosa. **O Profissional da Educação: Relações, Identidade e o Cuidado**. Santa Rosa: Unijuí, 2013. CD-ROM.

BONILLA, Maria Helena Silveira. **Escola Aprendente: para além da Sociedade da Informação**. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.

COSTA, Leonardo Figueiredo. Novas tecnologias e inclusão digital: criação de um modelo de análise. In: BONILLA, Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson De Luca (orgs). **Inclusão digital** : polêmica contemporânea. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 109-126.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

MARIOTTI, Humberto. **Complexidade e pensamento complexo**. Disponível em: <<http://www.ufersa.edu.br/portal/view/uploads/setores/241/Complexidade-e-PensamentoComplexo.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2013.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Disponível em: <<http://www2.ufpa.br/ensinofts/artigo3/setesaberes.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2013.

PRETTO, Nelson De Luca. **Uma escola sem/com futuro: educação e multimídia**. Campinas: Papyrus, 1996.